

○ Tesouro dos Templários



Prólogo

Os Templários ou Ordem do Templo, estiveram sempre envolvidos em mistério. Desde cedo exerceram um enorme fascínio no imaginário coletivo; conseqüentemente, o Convento de Cristo, mandado construir por esta Ordem e Tomar que muitos apelidam de «Terra Mágica dos Templários», surgem como redutos cheios de simbologia, rodeados de toda uma aura mística... que muito contribuiu para a escolha deste local como fonte de inspiração para o nosso trabalho.

Desta forma, foi com prazer que «pegámos» no Convento de Cristo e em toda a sua envolvência histórica, criamos uma narrativa ficcionada, onde factos verídicos se cruzam com elementos mágicos e fantásticos.

Esperamos que gostem!

Capítulo I

É quase dia, quando, entre azinhagas e montes, avisto o imponente maciço da Serra d' Aire que se recorta no horizonte. Da coluna de cavaleiro de que faço parte, destacam-se alguns templários, onde eu próprio me incluo. Caminhamos já há algum tempo, aproveitando antigos caminhos romanos, esperando chegar ao nosso destino, nada mais, nada menos do que à cidade de Tomar, já há algum tempo filhada aos mouros. Eu, Lourenço de meu nome incito a marcha da minha montada, afagando o seu pelo fulvo, quente e macio. Sabia-se que, por estas terras, há alguns anos os mouros andaram muito atarefados. Afonso Henriques, filho do conde D. Henrique, apesar da ligação à região do Douro, entendeu que era importante o território de Coimbra e mais a sul o de Santarém, para garantir também o território de Ceras - Tomar prosseguir com a delimitação de fronteiras e tomar o controlo do baixo curso do Tejo. Sinto-me cansado, trago vestida, como os outros meus companheiros Templários, a túnica branca, com a cruz vermelha bordada, sinal do cavaleiro do templo, pois, apesar da minha juventude (completarei 18 anos em poucos meses), da minha compleição robusta, altura acima da média, os meus cabelos claros e olhos azuis, que têm sido motivo de chacota entre companheiros pois, segundo eles, o facto de eu ser um cavaleiro do templo é um desgosto para as damas tão interessadas na minha nobre pessoa. Mas como referi, apesar da minha idade, os combates enriqueceram os meus músculos, firmaram o meu semblante e fizeram de mim um jovem com vivências muito para além das normais na minha idade.

Tinham-se passado alguns anos, pensou, desde que saíra do seu local de nascimento com o objetivo de combater pela fé de Cristo...Deixara para trás seus pais, avós, seu irmão mais velho e as suas três irmãs lá na longínqua «Carcassone» de além Pirenéus. Perdido nestes pensamentos, não se apercebeu de que a silhueta do Castelo de Tomar já se recortava no horizonte...

Capítulo II

Tinha chegado a Tomar ainda em criança. Filha ilegítima de um nobre senhor terá sido enviada para esta região para despistar os inimigos do seu pai. Desde então vivia incógnita na companhia de sua ama.

As suas acomodações faziam lembrar uma pequena fortaleza, não deixando adivinhar um luxuriante pátio interior onde a água cantava a sua eterna melodia. Entre seixos e plantas, fazendo sonhar com paisagens longínquas. Era neste ambiente decorado com tapetes, coxins dourados, cortinados da mais fina seda onde perfumes exóticos pairavam no ar... nesta envoltória, Sancha vivia e sonhava... sonhava que um dia algo haveria de acontecer, sonhava não só com um grande amor mas também com a aventura onde ela desempenharia o papel principal.

Sancha era uma jovem de 16 anos de uma beleza invulgar. De tez branca, longos cabelos negros que lhe chegavam à cintura esbelta, encantava com a sua graça infinita, o seu olhar de grandes olhos verdes orlados de longas pestanas, o seu semblante doce, o seu riso cristalino e feliz. A sua beleza não era contudo, impedimento para ser uma jovem extremamente culta, caso raro, nessa época. A sua curiosidade e disponibilidade tinham-na levado a ler escritos de importantes sábios, obras de medicina, poesia, astronomia...

Era quase noite, a pouca luz já não deixava continuar a ler aquela novela de cavalaria tão interessante que falava do rei Artur e sua amada Guinivére. Olhou através da janela e viu recortar-se no céu a silhueta imponente do novo castelo e convento, erguido no alto da colina e sobranceiro ao casario parecendo proteger este de qualquer ameaça. Conhecia-o bem por dentro, pois, já se tinha deslocado a esse novo local de culto, acompanhada de sua ama. Local da responsabilidade dos cavaleiros do templo. Lá tinha ido orar e suplicar ao senhor Deus que abençoasse e trouxesse a mudança à sua vida algo solitária.... Ficara deslumbrada com a planta circular (ouvira dizer que fora uma cópia de um outro templo lá do longínquo Oriente onde o senhor Jesus vivera, morrera e ressuscitara).

Sentira uma paz, uma força enorme...ao ter orado naquele local recém-construído, como se ele de alguma forma representasse coisas antigas... sabia-se que ali viviam pessoas há muitas gerações. Ela crescera no conhecimento das coisas sagradas, visíveis e invisíveis, na reverência e compreensão das velhas tradições e compreendia a importância que um local como aquele tinha para os cavaleiros do Templo, não só como reduto defensivo, como também como local onde esses rituais tão antigos fossem celebrados condignamente. Um local onde os Homens se podiam reunir para reverenciar esse Deus tão grande, criador do Céu e da Terra. Aliás, todo o poder emanado desta Congregação advinha do facto de esse saber ser respeitado. Passou uma noite agitada com estes pensamentos e logo de manhã subiu o talude e chegou ao recinto onde uns esperavam para entregar o respetivo dízimo e outros de mais nobre linhagem vinham prestar vassalagem. Alguns tinham vindo de longe para reverenciar a Deus num local tão especial. Ali, juntamente com todos aqueles, lembrava as histórias que em pequena ouvia...Adorava a maior parte delas. Havia uma de um rapaz que desafiara um gigante, outra acerca de uma grande inundação, mas aquela de que mais gostara fora aquela que falava de Jesus Cristo, Homem e Deus num só. Que tinha tido seguidores, homens simples, pescadores, camponeses...lutara para que os Homens tivessem paz, deixara-se torturar e crucificar para que os Homens «tivessem vida e vida em abundância». Homens que se deviam amar uns aos outros.

De repente olhou e viu uma figura que se distinguia na multidão, o cabelo brilhando ao sol do meio-dia, de aparência jovem, alto, de porte atlético, dirigia-se para a saída.

Capítulo III

Aproximávamo-nos rapidamente do Castelo, fortaleza ativa no alto da colina sobranceira ao vale fértil, de seu nome Tomar e apesar do cansaço, como Templário que sou, sinto um misto de alegria, excitação e expectativa por me aproximar de um misto de símbolo tão querido à nossa Ordem, lugar especial onde se encontram as maravilhosas relíquias, dádivas divinas da nossa Congregação.

Subimos a rampa íngreme que nos leva a uma das portas da entrada, distraidamente, vou observando a dupla cintura de muralhas que delimita o burgo intramuros e a praça de armas, a planta poligonal irregular, a Torre de Menagem... Há homens armados por toda a parte. Os guardas são enormes e de aparência feroz. Somos conduzidos aos nossos alojamentos. Os servos tomam conta das nossas montadas. Tochas iluminam o nosso caminho. Sinto que algo me liga a este lugar, como que significando um “voltar a casa”. Numa sala ampla, ardia uma lareira, acolhedora, uma mesa estava posta perante nós, com pão, carnes frias e vinho. Pouco ou nada comi. Só queria descansar! Fui encaminhado para um pequeno quarto, austero, simples mas aseado e num instante adormeci num sono sem sonhos.

Amanhecia. Estava um daqueles dias a que muitos chamam “um dia criador”. Sentia-se o cheiro a Primavera. O rio Nabão brilhava intensamente...

Lourenço e Hugo seu grande amigo mentor e importante figura na hierarquia dos cavaleiros do Templo, que se encontrava em Tomar há já algum tempo, passeavam lentamente pela muralha, absorvidos em importantes e estratégicas confidências... Os guardas de sentinela posicionavam-se a uma certa distância. Hugo tinha cumprido as suas obrigações matinais e desculpara-se perante os seus companheiros para se reunir imediata e confidencialmente com Hugo.

As notícias eram preocupantes, sabia-se que uma nova ofensiva Almóada estava na forja. Havia que estar preparado para um possível ataque. Também havia que discutir as questões secretas que diziam respeito à Ordem e que no fundo tinham a razão de ser da mesma. Começaram a descer os degraus, encaminhando-se para a “Charola” – o Oratório e aí, com outros irmãos, participaram do culto. A cúpula central dominava o espaço interior e Lourenço sentiu-se tomado pelo Espírito Santo num momento de extrema comunhão espiritual e de fé.

Após a cerimónia Lourenço, num ímpeto de jovem de 18 anos, resolveu pegar na sua montada, um alazão de pelo fulvo, e ir conhecer melhor os arredores e meditar nas obrigações que o aguardavam.

Capítulo IV

O ar estava impregnado do aroma dos pinheiros... a mente de Lourenço divagava. Fora sempre um cavaleiro cuidadoso e atento, respeitador de certas normas, quer sozinho ou acompanhado. Poucos passavam por aquela vereda na floresta. Ia a atravessar um rebordo estreito, ladeado por um precipício abrupto, quando de repente lhe faltou o apoio e caiu desamparado até que atingiu uma saliência que milagrosamente o segurou. Percebeu que não conseguia mover a perna direita e o braço também lhe devolvia dores atrozes. Perdeu momentaneamente a consciência. Voltou a acordar e numa voz fraca pediu socorro, pois ouviu um restolhar próximo. A culpa era sua, pois não tomara o cuidado necessário. De repente pestanejou, olhou e viu uma cabeça de rapariga, da mais bela jovem que até então se deparara! – Santo Deus! – disse Sancha, sim porque ela era quem por ali passava, – não se mexa, vou buscar ajuda! Esperou o que lhe pareceu uma eternidade e surge de novo a jovem, desta vez acompanhada de sua ama e de seu muito e dedicado servidor, Paio Mendes, que a acompanhava na procura de certas plantas curativas. Juntos conseguiram içá-lo e levá-lo para a morada de Sancha, não sem grande dificuldade. Isto apesar das advertências por parte da dedicada ama e do bondoso ancião.

– Não Vedes que não resistirá a uma grande distância?! Vamos! – assim lá levaram o jovem. Chegados, fizeram-no deitar entre almofadas e trataram-no com enormes cuidados e competência a que não era alheia, pelos conhecimentos na arte de curar que Sancha possuía.

Lourenço por fim começou a recuperar a febre baixou e, admirado, observou o que o rodeava. Deparou com a bela Sancha que apreensiva, o observava. – Onde estou? – Perguntou Lourenço. Ao que Sancha respondeu – Está em minha casa, estive muito doente e era impossível deslocá-lo para outro local. Não se preocupe, porque mandámos avisar no Convento e o Nobre Cavaleiro de nome Hugo tem frequentemente vindo, ele próprio, observar a sua recuperação. Após o esforço deste breve diálogo caiu num sono tranquilo. Voltou a acordar, desta vez o sol dourava o quarto. À sua cabeceira continuava a bela jovem e também o seu querido amigo e mentor Hugo. Este sorria-lhe do alto da sua elevada estatura – Então jovem? Isso é que foi dormir! Espero que entendas o quanto deves a esta dedicada jovem! Estas palavras provocaram um intenso rubor em Sancha que se apressou a arrumar a mesa de apoio ao doente – Com certeza mestre – riu Lourenço, também ele um pouco embaraçado, aliás, algo que ele próprio não entendia... sempre se julgara imune à atracção que muitas mulheres pareciam ter para seus amigos e companheiros de armas. Contudo, ao olhar para Sancha, um acelerar de coração, um nervosismo, enfim... devia ser da doença, pensou. – Temos que agradecer a Sancha e tirar-te daqui, – disse Hugo. – Deixai-o ficar um pouco mais – replicou Sancha. Também ela já amava Lourenço sem de tal se aperceber... – Voltarei amanhã, – disse Hugo e despediu-se.

No dia seguinte vieram buscar Lourenço. Sancha despediu-se com as lágrimas nos olhos – Adeus...

Dias passaram, Lourenço, restabelecido não conseguia esquecer Sancha nem esta o esquecia a ele. Um grande amor nascera entre ambos. Lourenço resolveu confidenciar a Hugo que, por amor a Sancha renunciaria até à vida monástica, pois não tinha ainda tomado os votos definitivos. Este pediu-lhe que ponderasse bem a questão.

Capítulo V

Após alguns dias, Lourenço, mais do que ouviu, sentiu que algo se passava...Recordou que o califa Abu Yusuf Ya'qub al-Mansor fora visto recentemente a chefiar as investidas Almóadas nas proximidades... Olhou e viu que o Castelo estava a ser atacado!

Com o coração a bater descompassadamente e a garganta seca, dizia a si próprio: “ansiavas por uma verdadeira batalha, como podes estar com medo?” Com este pensamento o medo transformou-se em fúria. As trombetas atroaram os ares, várias vozes escutaram-se, ouviu-se uma ordem. Gritos escutaram-se. Os inimigos tentavam abrir caminho em manobras ardilosas. Viu um vulto, uma figura na neblina, virou-se e golpeou-o com a sua espada e ouviu o som de um grito quando a lâmina o atingiu profundamente.

Percebeu que se lutava com furor, com raiva... Perdeu a noção do tempo, dos inimigos que fez tombar... quando percebeu que já ninguém o estava a atacar. A toda à volta jaziam corpos contorcidos nas mais diversas posições, corpos de lá e de cá, mais unidos na morte do que na vida.

Estava coberto de sangue. Um pouco mais além, tombara o seu grande apoio e amigo Hugo com uma enorme ferida que tendia a alastrar-se numa mancha carmesim. Devastado pela dor, ajoelhou-se perante ele e disse-lhe:

– Não me deixes, que será de mim, sem o teu apoio e orientação?

Hugo, a custo, abriu os olhos já sem luz e disse-lhe:

– Meu filho, chegou a minha hora. Sê feliz com Sancha, pois compreendi e o Senhor compreende também que vocês estavam destinados um ao outro!

Não foi o nosso Deus que fez a mulher para ficar ao lado do Homem e o ajudar? Eu te abençoo, como Deus também te abençoará! Vence o mal com o bem e guarda os preceitos que foram deixados por Nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo. Estes sim, são

os maiores tesouros que poderás guardar e deixar à tua descendência pois, de ti homens ilustres brotarão.

Hugo teve ainda forças para com um gesto breve dizer a Lourenço:

– Não te esqueças que és um dos fiéis depositários dos nossos segredos mais queridos.

Quanto aos bens materiais que fiquem para sempre guardados, escondidos. Que seja o Espírito Santo, o nosso Deus, o seu Guardião, e se num futuro longínquo, achar por bem, alguém de valor, merecedor, alguém escolhido, os encontrará.

Dito isto, a sua face adquiriu uma serenidade que não era já deste mundo.

Destroçado, correu para os braços de Sancha, procurando consolo. Esta, no meio do recinto da fortaleza, esperava-o, pois sabia que iriam caminhar juntos pela vida fora... Ali a visão tomou conta de Sancha e disse: – Aqui, neste vórtice nascerá um projecto de um grande império que brotará de saberes há muitos preservados pelos Guardiões do Templo... vendo desfilar ante seus olhos espirituais, imagens que pareciam saídas de um futuro muito longínquo... disse Sancha: – meu amor, não te preocupes! Vejo que nós somos elos de uma cadeia que se desenrolará pelos tempos. Esta estrutura crescerá, ganhando outras dimensões, atravessará os séculos. Honrará o nome do nosso Salvador o Convento de Cristo e será célebre... Vejo uma janela esculpida em fina renda, com símbolos estranhos e outros que nos são queridos. Vejo colunas, colunatas, frontões que parecem vir do passado e do futuro. Vejo uma terra próspera e abençoada. Contudo, também vejo períodos de dor, de angústia e de incompreensão entre os homens por razões religiosas... apesar de todos sermos irmãos... e esse, sim, é o Grande Segredo, o Amor Universal! Aqui com o nome de Cristo viverá uma Grande Nação!

Fim